

A indústria da democracia

Depois de percorrer 2.500 domicílios em todo o DF, os pesquisadores da Secretaria de Trabalho e da Codeplan recolheram os números de desemprego relativos a fevereiro, os mais recentes: a taxa geral situou-se em 15,6%, elevada mesmo para padrões especialmente assustadores, como os europeus, onde casos extremos como o da Espanha indicam que um em cada quatro trabalhadores estão inativos. Foi também a maior taxa nos últimos 11 meses, confirmando uma tendência de alta do último quadrimestre.

Mais do que o número fechado e global para o Distrito Federal, a pesquisa traz uma grave advertência para todos aqueles que são, de um modo ou de outro, responsáveis pelo desenvolvimento e independência de Brasília: o desemprego castiga muito mais duramente as faixas menos privilegiadas da sociedade. Se o Plano Piloto ostenta uma taxa bastante razoável, de 5,6%, estes índices crescem assustadoramente quando nos movemos em direção às satélites.

O chamado Grupo II da pesquisa, envolvendo Gama, Taguatinga, Sobradinho, Planaltina, Núcleo Bandeirante, Guará e Sobradinho, já registra 14,6% de desemprego. Quando se chega ao Grupo III (Brazlândia, Ceilândia, Samambaia, Paranoá e Santa Maria), o ponto é nevrálgico: 20,4% da população economicamente ativa está desempregada. São, no total, 120.300 brasilienses que não encontram uma ocupação.

Uma imersão no perfil do emprego no Distrito Federal nos dá, a um só tempo, a radiografia da crise e a prescrição da cura. Enquanto gasta-se tempo e muita energia na

defesa de uma



**"Brasília
é palco natural
para fóruns,
congressos,
seminários,
encontros
e reuniões"**

hipotética expansão industrial do DF, os números são frios: a indústria da transformação responde por apenas 3,3% dos postos de trabalho. Somada à construção civil, alcança apenas 10%. Agricultura, pecuária e extrativismo, juntos, infelizmente mí-

seros 0,9%.

Na outra ponta encontramos a vocação natural de Brasília e sua clara opção econômica; 51,8% dos empregos são do setor serviços, e 16,6% do comércio. Estes valores, em uma análise a médio e longo prazos no passado, indicam que o comércio cresce paulatinamente, na mesma proporção que os empregos na área pública (hoje com 20,7%) têm caído.

Ora, se temos metade dos empregos gerados pelo setor de serviços, é evidente que Brasília está bem aparelhada neste aspecto. Então, por que não investir pesadamente na criação de negócios e na geração de empregos nesta área, explorando o que temos de melhor a oferecer ao País: somos a sede do poder e das discussões nacionais, por aqui transitam os interesses e as reivindicações da sociedade. Brasília é palco natural para congressos, seminários, fóruns, encontros e reuniões onde os participantes queiram reverberar suas teses para os Poderes da República e para a opinião pública.

É mais do que evidente que as possibilidades industriais do DF não foram totalmente exploradas. A construção civil pode receber impulso decisivo. A agroindústria, respeitadas as condições ambientais, tem campo a ser plantado. O comércio se expandirá na medida em que o poder de compra do trabalhador for recuperado. Mas Brasília está mesmo vocacionada para abrigar a indústria da democracia. Trata-se agora de investir na formação da mão-de-obra e na ampliação dos espaços destinados a esta promissora atividade econômica.

■ **Luiz Estevão** é diretor-superintendente do Grupo OK e presidente da Fundação Luiz Estevão